A Senhora do Mosteiro

Francisco Marialva Mont'Alverne Frota

> No céu ainda não tenho averiguado se se consentem saudades: mas assim como a sepultura é a terra do esquecimento, assim o céu é a pátria da memória e das lembranças. A morte, ainda que esfria o sangue, não acaba os parentescos; nem a diferença da vida faz mudança nas obrigações do amor. (Sermão Gratulatório e Penegírico, pregado na manhã do Dia de Reis, na Capela Real, no ano de 1669 — Padre Antônio Vieira.)

1 – Maria Marphisa, um presente do Céu

> Para um juízo perfeito requerem-se três cousas: ciência para examinar, justiça para julgar, poder para executar. (Sermão da Segunda Dominga do Advento — Padre Antônio Vieira.)

Debaixo das arcadas desta cidadela, ao redor desta mesa, a Família Araújo Mont'Alverne celebra hoje o Primeiro Centenário de Nascimento de MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE, que exaltou com sua vida modelar a dignidade da mulher, e é justamente considerada no conceito unânime de seus concidadãos, pelo testemunho de vida exemplar, como uma das figuras paradigmáticas da sociedade sobralense.

MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE é nome venerando em Sobral, pronunciado com respeito e afeto pelos contemporâneos e conterrâneos.

MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE é nome que nossa família ouve com unção, pois dela temos o sangue e a ela queremos imitir no reto caminhar, como integrantes do Povo de Deus.

Quem a conheceu ficou marcado pelo carisma de sua personalidade inconfundível, pelo gesto generoso de suas mãos dadivosas, pela palavra de alegre entusiasmo ou de solidariedade cristã, que sempre tinha nos sucessos e vitórias dos amigos ou quando o sofrimento chegava à porta dos que a conheciam.

Por amor ao marido tornou-se ardente sobralense, participando da sociedade, integrando-se nos costumes da comunidade,

vivenciando as tradições de nossa gente, sendo, sobretudo, presença cotidiana na igreja, fervorosa cristã que sempre foi.

A fama e o respeito lhe rodeiam o nome honrado, mercê de suas qualidades forjadas na fé cristã que herdou de seus pais, temperadas no exercício de seu grandioso matriarcado, assinalado para nós com fecundos exemplos de abnegação e generosidade materna e com a experiência de seu magistério, pleno de solicitude para sua descendência.

Virtuosa mulher! repetem os que a conheceram. Enternecida mãe! dizemos nós que descendemos de seu seio abençoado.

Bem que desejava ter prosa sonora de ritmo bem marcado, esplendor verbal, estilo egrégio e voz reboante — circunstâncias que o Padre Antônio Vieira identificou no Sermão da Sexagésima como essenciais ao pregador — para fixar os traços do perfil edificante, para recordar os pontos de tua vida, Vovó Marphisa, de tua peregrinação para o Reino, convicto que estou da espiritualidade germinal desses exemplos para tua descendência, para a nossa comunidade, para a igreja particular de Sobral.

Nesta noite de iluminante beleza para a Família Araújo Mont'Alverne queremos, em primeiro lugar, bendizer ao Senhor por nos ter dado MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE como mãe que, pela retidão do viver como mulher, se transformou em fonte de nossa recorrência, em amparo para nossas angústias em juízo arbitral para as nossas dúvidas, em rocha e seguro fundamento de nossa tradição familiar cristã.

Cem anos depois de seu nascimento a descendência de MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE nesta casa que ela habitou, neste Mosteiro em que ela foi a Senhora, vem exaltar sua memória amada, renovando o cumprimento dos ensinamentos éticos e cristãos que nos legou, como código para bem viver e conviver entre nós e com a sociedade a que pertencemos.

Pela ortodoxia de seu cristianismo, pela exemplaridade de vida, pela cordialidade convivial, pela maternidade desvelada e pelo desmedido amor com que sempre envolveu a família, quero, com a emoção de neto e, sobretudo com a alegria de ter convivido tão de perto com Vovó MARPHISA, recordar sua infância ipuense, a juventude, o casamento feliz, a viuvez resignada e a velhice cercada do halo de nossa crescente estima filial, por acreditar que o dom de sua vida e a opção pelo matrimônio com prole numerosa foram um presente do céu para nós que dela descendemos.

2 — Águas do Ipuçaba, verdes canaviais

Eu tenho um prazer que vence
A mais doce aspiração
É ser a terra ipuense
Berço do meu coração.

(Exaltação – Francisco Araújo)

Ao oeste do Ceará, de norte a sul, corre a cordilheira da Ibiapaba, formada de arenito calcário. É uma imensa montanha azul descontínua que alumbra os cearenses, que azula no horizonte, como diria nosso imortal Alencar na prosa poemática do livro aliciante. Pimentel Gomes inclui nas páginas do livro Corografia Dinâmica do Ceará longa descrição da Ibiapaba, de autoria do Padre Antônio Vieira, trecho da qual destacamos:

> A Ibiapaba não é uma só serra como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam no sertão de Camocim e mais parecidas às ondas do mar alterado, que a montes se vão sucedendo e como que encapelando umas após outras, em distância de mais de 40 léguas. São todas formadas de um rochedo duríssimo e em parte escalvado e medonho e em outras coberto de verdura e terra lavrada.

Nas terras ferazes do sopé da Ibiapaba, à margem esquerda do fragoso Ipuçaba, tributário do Jatobá, afluente do rio Acaraú, entre sítios, canaviais, campos e carrascais surgiu a Vila Nova d'El-Rei depois transformada em Vila Nova de Ipu Grande, finalmente elevada à categoria de cidade, pela Lei nº 2.098,de 25 de novembro de 1885, sancionada por Miguel Calmon du Pin e Almeida, Presidente da Província do Ceará, com o encantador nome de Ipu.

Limita-se o Ipu, ao norte com Reriutaba, ao sul com Ipueiras, a leste com Hidrolândia e a oeste com Guaraciaba do Norte.

O Ipu é a pátria particular do Clã dos Araújos, dizia o saudoso primo Milton Dias. É o chão amado da progênie dos nossos avoengos José Lourenço de Araújo e Maria do Carmo de Araújo, santanenses de nascimento, mas ipuenses pelo casamento, pela vida operosa do casal, pelo lar harmonioso que constituíram e pela prole honrada que deles nasceu.

Conhecer o Ipu deve ser aspiração comum entre nós, pois o Pé de Serra não saía do coração de nossa MARPHISA. Conheci o Ipu por amor a ela e mais a conheci conhecendo-o.

A Canção do Ipu e o Hino do Mártir Santo alvoraçam os corações ipuenses, sobretudo quando estão fora da latitude da terra natal. Quem quiser conferir esta verdade no âmbito de Sobral é só ir à Igreja do Rosário no dia 20 de janeiro.

A Canção e o Hino foram muitas vezes cantados na cela da Senhora do Mosteiro.

Rememorando sua infância, ouvi muitas vezes a Canção do Ipu na voz velada de Vovó MARPHISA:

Cantar da terra
Do Ipu a beleza,
Que a Natureza
a tornou gracil!
A cachoeira
Que desprende em flocos,
Jorrando aos poucos
Gotas dágua mil.

Que panorama!
Que esplendor, que luz!
Tudo traduzHarmonia e encantos!
Frescura amena,
Pipilar das aves,
Cantos suaves
Que desprendem encantos.

....

Rapazes raros,
Moças às dezenas
Que nas novenas
Vão rezando a Deus.
Fado cruel,
Tanta beldade à vista,
Nenhuma conquista
Para himeneus.

Por entre os jovens,
O Major Odulfo,
Que eu insuflo
Para dar o dedo:
Só casará
Quando houver inverno,
Vive bem terno,
A sopitar segredo.

Irmãos Martins, Quixadá, Corrêa,
Barrim — que idéia:
Já passou a era...
São muitos poucos
Para tantas divas
Belas, esquivas,
Que estão à espera.

Maria Amélia,
Ester, Isaura,
Maroca, Laura,
Consuelo, Sé,
Eulália, Joaninha,
Nenen, Celina,
Alda, Felina,
Erotildes, Zé.

Natividade
Abigail, Carminda,
Carmelinda,
Aurélia, Doninha,
Aretusa,
Otília, Adalgisa,
Maria Luisa,
Iaiá, Mundinha.

....

É interessante que a Canção do Ipu aflora velho problema que tem merecido os rogos devocionais da intercessão de Santo Antônio, por parte de "tantas divas belas, esquivas, que estão à espera de rapazes raros".

É possível se identificar a rapaziada ipuense que indiferente andava procurando as laranjas doces do Intendente Bessa para os tonificantes banhos do Gangão? É. Foi tio Osvaldo Araújo que revelou para mim os nomes. Vejamos: Major Odulfo (Odulfo Alves de Carvalho), Irmãos Martins (Osório Martins e José Júlio Martins), Quixadá (Antônio Quixadá), Corrêa (Francisco Corrêa), Barrim (Semeão de Barros Filho). E o Intendente? É o Coronel João Bessa Guimarães.

E as belas divas quem são? É fácil revelar: Maria Amélia (Maria Amélia Aragão), Ester (Ester Marques), Izaura (Izaura Furtado), Maroca (Maria José de Araújo), Laura (Laura Soares), Consuelo (Consuelo Quixadá), Sé (Sé Coelho), Eulália (Eulália Quixadá),

Joaninha (Joaninha Quixadá), Nenen (Nenen Thomé de Souza), Celina (Celina Carvalho), Alda (Alda de Carvalho Aragão), Felina (Felina Teixeira), Erotildes (Erotildes Corrêa), Zé (Maria José Dias), Natividade (Natividade Belém), Abigail (Abigail Furtado), Carminda (Carminda Limonge), Carmelinda (Carmelinda Magalhães), Amélia (Amélia Dias), Doninha (Maria de Lourdes Magalhães), Aretusa (Aretusa Carvalho), Otília (Otília Corrêa), Adalgisa (Adalgisa Corrêa), Maria Luíza (Maria Luíza Magalhães), Iaiá (Iaiá Pessoa), Mundinha (Mundinha Pessoa).

Quem chega ao Ipu deve visitar o Quadro da Igrejinha, a Matriz de São Sebastião, o Reino de França, o Alto dos Quatorze, a Rua da Itália, o Beco do Cafute, a Estação Ferroviária, a Feira com a Louça de Barro, o Breguedoff, o Gangão, a Lagoa, o Açude do Bonito, a Lagoa do Canto, as Minas de Bom Jesus e, como apoteose, a Bica.

Devo ao saudoso Tio Edgard Corrêa a visão extasiante da Bica, no dia do Mártir Santo, levados que fomos ao local do Balneário pelo Thomaz, seu filho. Relembro bem Tio Edgard naquele momento: de calção, o corpo roliço, destacando-se a cabeça leonina sobre o torso levemente musculoso, exibia o riso largo no rosto de beduíno do sertão ipuense, quando subia comigo o aclive, com passadas largas, na direção do arco-íris da água remansada, apontando-me regalado para a tromba que descia das alturas da escarpa, enquanto repetia em voz alta este soneto de autoria de Tio Osvaldo Araújo:

A Bica do Ipu

Chega a invernia. A Bica, como louca,
Despenha-se da altiva Ibiapaba,
Vomitando enxurrada pela boca.
Revolta, em convulsão, a água desaba.

De noite a dentro, ela estrondeia e espouca.
Ruidosa, para o Ipu leva o Ipuçaba...
— Amanhece. Seu noivo — o Sol — lhe touca
Com diadema de luz que a fúria acaba.

Desperta em lânguido espreguiçamento.
— Noiva faceira — sensual se amanha,
De cristais rebrilhando em fragmento,

Beijando-a o Sol em vibração tamanha!
E o branco véu esvoaça solto ao vento
"Como um trapo de gaze da Bretanha".

Na topografia urbana do Ipu a Rua da Goela ganha importância para nós da Família Araújo Mont'Alverne, pois na morada inteira, de propriedade de Alexandre Soares, que logo se identifica com o monograma AS — tão nosso conhecido — enfeitando as bandeiras das janelas da frontaria, no segundo cômodo, à esquerda de quem entra na casa, portanto, do lado contrário ao oitão, nasceu às 18h30min do dia três de maio de 1891, MARIA MARPHISA, primogênita de José Lourenço de Araújo (Papai Enço) e de sua mulher Maria do Carmo de Araújo (Mãe Mimosa).

A Igreja celebra neste dia a Invenção da Santa Cruz pela Imperatriz Santa Helena, mãe de Constantino, o Grande, em Jerusalém, no ano de 326. As Catequeses aos "iluminados", de Cirilo bispo de Jerusalém e a Vida de Constantino, de autoria do bispo Eusébio de Cesaréia, trazem luzes sobre a invenção da relíquia do Santo Lenho. (Cf. A Sentença de Pilatos, Kurt A. Speidel, São Paulo, Edições Paulinas, 1982, p. 158.)

Prossigamos em nossa mirada ao passado...

O pai, José Lourenço de Araújo, declarou em cartório, perante o Escrivão Reginaldo Luiz da Costa, a 5 de maio de 1891, o nascimento da primogênita MARIA MARPHISA, assinando juntamente com as testemunhas Joaquim Alves de Medeiros e Francisco Benício do Nascimento, o Termo nº 26, exarado no Livro nº A-1, fl. 75v., do 1º Cartório do Registro Civil da Comarca do Ipu. A certidão está em meu poder por empenho de Ruth Mont'Alverne e de Thomaz de Araújo Corrêa.

MARIA MARPHISA foi batizada na Igrejinha do Quadro, no Ipu, a 28 de junho de 1891. Muitos anos depois recordou para um velho amigo ipuense seu batismo:

> Dia de São Sebastião, 1972
>
> Ao prezado Thomaz Aragão e família, agradeço e retribuo a mensagem de Boas Festas e Feliz Ano Novo, com votos para que você e o seu Thomazinho entrem no ano 2.000 ouvindo em 4ª geração o hino ao querido "Mártir Santo" na nossa tradicional igrejinha ipuense onde, em 1891, recebi o batismo das mãos do seu tio-avô Padre João José de Castro, então virtuoso vigário da Paróquia.
>
> – Na televisão do passado, a velha amiga Marphisa.

Já no exercício do seu matriarcado Vovó MARPHISA ensinava o catecismo aos netos. Quando falava do Batismo destacava os sím-

bolos litúrgicos do sacramento: o sinal da Cruz, o óleo, a água, a luz, a veste branca e o "Éfeta". Arrematava nossa lição acentuando que foi batizada na Igrejinha do Quadro. Estava plantando a semente do cristianismo em sua descendência.

Maria Delmira Soares (Mariquinha) e Maria do Carmo de Araújo (Mimosa) eram filhas de José de Holanda Cavalcante e Teresa Guilhermina de Sousa Cavalcante. Mariquinha era a segunda filha do casal, mas a primeira do sexo feminino. Mimosa era a décima primeira filha do casal, mas a oitava do sexo feminino. Mariquinha era de 1853, Mimosa de 1867, por conseguinte 14 anos a diferença da segunda para a primeira irmã. E o mais importante: Mariquinha não tinha filhos, mas Mimosa que muito a amava deu-lhe a primogênita — MARIA MARPHISA — como filha adotiva, com elevada compreensão e muito amor, que se completava no convergente querer das vontades de Alexandre Soares e José Lourenço de Araújo.

E que é adoção? Orlando Gomes, civilista de nomeada; tem conceito luminoso, de fácil percepção:

> Adoção é o ato jurídico pelo qual se estabelece, independentemente do fato natural da procriação, o vínculo da filiação. Trata-se de ficção que permite a constituição, entre duas pessoas, do laço de parentesco do primeiro grau na linha reta. (Direito de Família, Rio, Forense, 1968, p. 261.)

Vovó MARPHISA que nasceu na casa dos tios e padrinhos que se tornariam os pais adotivos — Alexandre e Mariquinha — repetia, como fato revelador da generosidade de Deus favorecendo a realização de sua adoção, a circunstância do reduzido tempo entre o seu nascimento e o da segunda irmã, Tia Cecy, evidência que se iluminava no alargamento do tempo do nascimento dessa irmã e o dos nascimentos dos outros irmãos. Confiramos as datas dos nascimentos desta modelar irmandade ipuense: MARIA MARPHISA (3.5.1891), Maria Cecy (6.6.1892), José Osvaldo (17.3.1894), Luísa Laura (28.8.1896), Rosa Edith (4.9.1899), Teresa Odete (3.8.1901), Francisco Araújo (17.9.1903) e Maria do Carmo (20.4.1905).

MARIA MARPHISA chamava os genitores de Papai Enço e de Mãe Mimosa, e a Alexandre e Mariquinha de Papai e Mamãe.

Ressalto que Vovó MARPHISA e seus irmãos homenagearam os pais repetindo-lhes os nomes nos filhos. Minha mãe — Maria do Carmo Mont'Alverne Frota, primogênita de MARIA MARPHISA recebeu o nome da avó, tornando-se MIMOSA. José Lourenço

Mont'Alverne, décimo quarto filho na exata ordem cronológica da progênie de MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE e ANTÔNIO MONT'ALVERNE FILHO, recebeu o nome do avô.

O Ipu viveu no coração de MARIA MARPHISA, que guardava da terra natal caras recordações da infância e dos 9 anos em que, já casada, lá residiu.

Por ocasião de seu octogésimo aniversário, ocorrido em 1971, em Sobral, nesta mesma sala, em mensagem dirigida aos filhos, que a mim ditou nos intervalos das aulas inaugurais que me honrei em ministrar na Universidade Vale do Acaraú, lembrou o Ipu.

É comovente a recordação da infância e juventude que fluía da memória intacta para a pena ágil:

> Nasci no Ipu — pitoresca cidade — onde passei minha infância na alegria de obedecer aos pais, rezando o terço em família, estudando, tocando piano e participando do enlevo afetivo de 7 irmãos, em cujos corações ainda não murchou a floração dos ensinamentos semeados por nossos virtuosos pais. Ainda àquela época, tomava parte nos banhos do Ipuçaba, à beira de frondosas mangueiras e verdes canaviais, mas atravessava, também, na alvorada da adolescência o Danúbio Azul, ouvindo as Vozes da Primavera, nos Bosques de Viena, das incomparáveis Valsas de Strauss, nos bailes familiares.

A prole de MARIA MARPHISA é sobralense, mas o Ipu guarda o anjo do seu regaço — MAURÍCIO, que faleceu com menos de 1 ano, em 16.1.1916.

Vovó MARPHISA acordava saudades ipuenses quando recebia os recortes dos artigos do Al Rigth, codinome do jornalista ipuense Aderson Magalhães, que lhe enviava mensalmente o Theodor Ziesemer, anotando com sua letra: "Correio da Manhã" e a data da edição.

Muitos anos depois, ao redor da década de 40, já mortificada pela viuvez, mas guardando no passado indestruído a radiância da fé batismal, as fagueiras recordações da infância e da paz do lar, MARIA MARPHISA, afeita à hora preceitual da oração na casa do Senhor, doou o tabernáculo da Matriz de São Sebastião do Ipu.

3 — Minha formosa Marphisa!

Por isso eu te amo querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!
Do Gondoleiro do amor.

(O Gondoleiro do Amor — Castro Alves.)

Em 1903 chegavam na Estação Ferroviária de Sobral o Cel. Alexandre Soares e sua mulher Mariquinha, acompanhados da filha MARIA MARPHISA, na beleza dos seus 12 anos.

Era um encanto a marujinha cacheada que, ali mesmo, à altura do segundo arco após o gabinete do agente, avistaria seu gondoleiro do amor prendendo definitivamente seu coração juvenil a ANTÔNIO MONT'ALVERNE FILHO.

Alexandre Soares vinha para sobral expandir seus negócios no centro promissor da pecuária. Pretendia construir casas, e construiu quarteirões inteiros.

Na roda dos amigos, ainda na gare da Estação, composta de Vicente Adeodato Carneiro, Manoel Artur da Frota e Francisco Porphírio da Ponte, se discutia a sucessão de Leão XIII, o papa da Arcanum Divinae Sapientiae, sobre o matrimônio cristão, que tanta influência estava exercendo sobre a questão do casamento civil, contrato nupcial e sacramento e oposição do papado ao divórcio.

O Cel. Soares indagava sobre a Guerra do Transval, sobre os boêres. O assunto se animava entre o trio que recebia o velho amigo. O Barão falava das jazidas de diamante da Mina de Kimberley, na África do Sul, e logo, afeito à convivência ipuense, convizinhava o assunto dando notícia das Minas do Bom Jesus e do Juré. Mariquinha e MARIA MARPHISA, embora à retaguarda, escutavam a conversa dos patriarcas, mas MARIA MARPHISA estava mesmo era deslumbrada com os fascinantes olhos de um rapaz, depois identificado pelo pai como o Toinho, moço do Cel. Mont'Alverne.

Residindo na rua do Marinho minha avó MARIA MARPHISA passeava às vezes pelas ruas da cidade, em companhia de Adalgisa Frota e da solícita Luíza Costa. Por mais de uma vez me disse Vovó MARPHISA que andou sobre os alicerces da construção abandonada, em terreno que pertencia ao Cel. Mont'Alverne, sem saber que era de propriedade do futuro sogro e de que habitaria na casa, neste solarengo palacete, alicerçado também pelos pés daquela menina que se tornaria a Senhora deste Mosteiro.

Nesta noite de exaltação de tua memória amada, Vovó MARPHISA, digo com as veras palavras e a firme convicção de quem

te conheceu de perto e muito foi amado por ti, que foram teus joelhos, vivenciando em oração a prática crescente das virtudes cristãs infundidas pelo carisma da fé do Batismo e robustecida no da Confirmação, que transformaram esta casa em Igreja doméstica, pela prole amorosa que tiveste com Papai Toinho, pela família cristã que criaste com teu fecundo matriarcado e com o gesto piedoso da entronização do quadro de Cristo como Deus, Rei, Esposo e Pai. A sociedade sobralense dançava naqueles idos ao som das Valsas de Raimundo Donizetti Gondim, na branda luz dos candieiros. As matronas, alargadas por camadas de crinolinas, mostravam fartos vestidos, com babados, franzidos e cascatas de rendas no decote. As senhoras mais novas optavam pelo crepe da China, "mouseline de soie" e "chiffon".

O traje masculino era austero: casaca, sobrecasaca, fraque. Com o passar do tempo chegou a moda dos "blazers" e do casaco de marujo. No guarda-roupa de Papai Toinho vi um moderno sobretudo "chesterfield", chapéu de palha, colarinhos de linho e um vestido de crepe da China que Vovó MARPHISA usou, e que foi mostrado às minhas primas quando se festejaram seus 80 anos. Era o tempo do namoro furtivo, que caminhava sem lascívia, no intercâmbio delicado dos cartões postais, com frases românticas e ditos franceses. Era o tempo das moças espartilhadas, nadando na roda das anáguas. Era o tempo das rosas, dos laços de fitas, dos lanceiros e das mazurcas.

Era o tempo do romantismo, dos suspiros, dos sonhos primaveris decantados pelo Poeta insigne:

Meu ser, que voava nas luzes da festa,

Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

....

Há pouco voavas na célere valsa
Na valsa que anseia, que estua e palpita
Por que é que tremeste?
Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas
Teu laço de fita.

(Laço de Fita — Castro Alves).

....

Tempo feliz aquele! Vovó MARPHISA, já velhinha, entre suspiros de saudade de seu Toinho, recordava para mim, no seu quarto, que chamava cela, os bailes do Clube Democrata... o Teatro Apolo... o Teatro São João... as Valsas Vienenses e as quadrilhas que tornavam Sobral, pela beleza das sinhás e pelo aroma que espargiam, um rosal onde um Jasmim Laranja causava emoção ao belo rapaz do Cel. Mont'Alverne.

As sinhás sobralenses tinham também o coração de colibri:

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.
O outro — voa em mais virentes balças,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel — a que chama — crenças —,
Vive do aroma — que se diz — amor. —

(O Coração — Castro Alves).

Tenho em meu arquivo, com a letra de meu avô Antônio Mont'Alverne Filho, uma caderneta com longa lista de nomes de moças que freqüentavam a sociedade sobralense, e que seria publicada com o nome de flor, com as iniciais correspondentes ao nome de cada uma. Estas flores já feneceram, ou melhor, este rosal já está transplantado para o campo do Senhor, pelo decurso do ciclo vital inexorável, mas guardando em nossa memória o perfume das virtudes que exercitaram. Em homenagem à sociedade de minha terra natal enumero os nomes das flores sobralenses que perfumaram a vida de nossos patriarcas, de nossos antepassados: Riso do Prado (Abigail Mont'Alverne), Lírio (Naninha Donizetti), Açucena (Carmosa Pimentel), Tulipa (Maria Luíza Rodrigues), Sempre-Viva (Marocas Parente), Gardênia (Diana Mendes), Borboleta (Jenny Mendes), Miosótis (Theodorinha Mendes), Camélia (Candinha Mendes), Magnólia (Maria A. Monte), Madressilva (Calu Parente), Meiguice (Adalgisa Frota), Jasmim-Laranja (Maria Marphisa), Cravina (Mocinha Frota), Jardineira (Esther O. Marques), Estrela (Adalgisa Albertino), Heliotrópio (Ursulita Frota), Gerânio (Maricota Villas Boas), Buquê de Noiva (Olga Villas Boas), Lótus (Mimosa Donizetti), Íris (Emiliana Saboya), Malmequer (Laura Saboya), Saudade (Cecy Cialdine), Verbena (Amélia Cialdini), Perpétua (Julieta Cialdini), Nenúfar (Maroquinhas Pimentel), Crisântemo (Honorina Frota), Rosa Cambraia (Germelinda Frota), Amor-Perfeito (Mimosa Frota), Baunilha (Chiquinha Frota), Margarida (Agenora Gomes), Orquídea (Abigarina Gomes), Mimo do Céu (Almeria Parente), Cravo (Raimundinha Parente), Lágrima de Napoleão (Cunhãzinha Frota),

Petrópolis (Adília Cavalcante), Pingos d'Oiro (Nanoca Frota), General (Lili Saboya), Bogari (Lili Frota), Guanabara (Luíza Costa), Begônia (Sylvia R. Lima), Ninonete (Dolores Andrade), Amaranto (Luíza Lins), Clematite (Maria de Lourdes Lins), Junquilho (Luizinha de Paula Pessoa), Resedá (Mocinha Franca), Ciúme (Frederica Franca), Dália (Gerviz Mendes), Pavão (Dica Mendes), Violeta (Cesalpina Mendes), Bonina (Marieta Bruno), Angélica (Mocinha B. Fontenelles), Primavera (Júlia de Lyra), Amor-das-Moças (Chistina de Lira), Alecrim (Edelzuith Albertino), Laço d'Amor (Edith Mendes), Sangue de Cristo (Ernestina Ribeiro), Paul-Neron (Henriqueta Rocha), Maravilha (Raymunda Lyra), Girassol (Anginha Saboya), P. Eugênia (Branca Rangel), Alfinete (Alice Pompeu Magalhães), La France (Mimosa Castro), e Príncipe Alberto (Eneida Siqueira).

A correspondência de Vovó MARPHISA com meu avô, no período do namoro e noivado merece atenção. O texto é um primor de enlevo amoroso, correção gramatical e clara exposição dos assuntos abordados. Vez que outra, um código, uma frase em francês, como era natural no namoro à antiga. Repito os versos de Manoel Bandeira:

Enternecido sorrio
Do fervor desses carinhos:
....

(Cartas de meu avô — Manoel Bandeira).

O papel das cartas é de linho, com cercaduras e vinhetas de tinta de ouro. Às vezes o papel trazia o nome de MARIA MARPHISA ou seu monograma em alto relevo. O papel que usava nas cartas Papai Toinho vinha da oficina litográfica de Carlos Wiegandt, no Grão Pará, por empenho de Raul Monte, que ultimava as encomendas para si e para o amigo. O Barão, diligente como era, cuidou logo de mandar vir da Casa Brockhaus, em Leipzig os papéis para as cartas de Sá Marphisa. Quando o papel terminava, Alexandre Soares se empenhava junto aos amigos da Rua Uruguaiana, para obter papel de linho na Garnier ou na Laemmert, pois o Rio de Janeiro ainda trazia os fumos dos hábitos aristocráticos da Corte.

Tenho uma vintena de cartas do período de namoro e noivado de meus avós maternos, além do convite do casamento civil e religioso, formulado pelo pai adotivo e pelo pai legítimo, e também pelo noivo.

A 2 de fevereiro de 1906, MARIA MARPHISA E ANTÔNIO MARPHISA E ANTÔNIO MONT' ALVERNE FILHO contrataram casamento, noivando. As bodas nupciais ocorreriam no mesmo ano, a 10 de novembro.

Em maio de 1906 Alexandre Soares encomendou a Gutemberg Mendes o vestido para a filha, adquirido em Paris, no nº 21 da Rue de la Paix, na Casa Doucet, de propriedade de Jacques Doucet, grão-senhor da moda francesa. Junto ao vestido vieram as ligas de cetim, os grampos para o cabelo, as luvas e o leque. Como o casamento era de gosto e regalava os corações dos pais as encomendas da Europa a eles também se estendiam: vestido de seda para Mariquinha, com modelo do Segundo Império e, para o Barão, 1 dúzia de camisas de seda, que gostava de usar quando se exibia no garbo varonil da casaca ou do fraque, expondo 'a vista o correntão de ouro para extrair da cava do colete o Pathek Philippe, conferindo as horas com o Manoel Artur da Frota.

O exemplar do convite do casamento está endereçado a Antônio Quixadá Filho. Contém dois textos: à esquerda é o convite dos pais da noiva; à direita, o convite do próprio noivo. Eis o texto datado com 30 dias de antecedência das bodas nupciais:

> Illmo. Snr. Antônio Quixadá FilhoTemos a satisfação de comunicar a V. S. que no dia 10 de Novembro próximo se realizará o casamento de nossa filha adotiva e legítima Maria Marphisa com o Sr. Antônio Mont'Alverne Filho, e solicitamos a V.S. e a sua Exma. Família a finesa de assistirem ao acto que se celebrará: civilmente em casa de nossa residência à rua do Marinho às 5/2 horas da tarde e religiosamente, em seguida, na Egreja de Nossa Senhora do Rosário d'esta cidade.
>
> Antecipamos os nossos agradecimentos.
>
> Com estima e consideração.De V.S.Amos.
Cros. Attos.Alexandre Soares
José Lourenço d'Araújo
>
> Sobral, 10 de Outubro de 1906.
>
> Illmo Snr Antônio Quixadá Filho
>
> Convido a V.S. para assistir ao meu casamento com a Exma. Sra. D. Maria Marphisa, digna filha legítima e adoptiva dos Srs. Major José Lourenço d'Araújo e Coronel Alexandre Soares, a realisar-se no dia 10 de Novembro próximo, às 5/2 horas da tarde.

Pela attenção dispensada a este convite muito penhorará ao

De V.S.Am° Cr° Att°
Antônio Mont'Alverne Filho
Sobral, 10 de Outubro de 1906.

No meu Memorial da Saudade, lido a 30.09.1982, data do transcurso do Primeiro Centenário de Nascimento de Antônio Mont'Alverne Filho, descrevo com detalhes o casamento, o religioso, na Igreja do Rosário, tendo como oficiante o Padre José Tupynambá da Frota, e o ato civil, na rua do Marinho, na residência dos pais da noiva, presidido pelo Dr. José Sabóia de Albuquerque, juiz da Comarca.

O termo do casamento religioso está inscrito no Livro 17, Fls. 187v., n° 8 do ano de 1906, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sobral:

> Aos deis de novembro de mil novecentos e seis, feitas as denunciações que dispõe o concílio de Trento e não constando impedimento em presença do Reverendo Dr. Padre José Tupynambá da Frota de licença minha e perante as testemunhas: Henrique de Albuquerque Rodrigues e José Lourenço de Araújo, receberam-se em matrimonio na capella do Rosário Antonio Mont'Alverne Filho, filho legítimo do Cor.el Antonio Mont'Alverne e de D. Maria Elisa Mont'Alverne com D. Maria Maria Marphisa de Araújo, filha legítima de José Lourenço de Araújo e de D. Maria do Carmo Cavalcante os contrahentes são naturaes e moradores nesta Freguesia e logo lhe dei as bençãos nupciais na forma do Ritual Romano do que para constar mandei fazer este assento que assigno.
>
> O Vigario Mons.or Diogo José de Sousa Lima.

Vovó MARPHISA, 50 anos depois, a 10 de novembro de 1956, no texto Bodas da Saudade, recorda a cerimônia de seu casamento, em mensagem autógrafa entregue a cada filho:

> No casarão da antiga rua do Marinho, onde hoje funciona o "Hotel do Norte", realizou-se o contrato civil, oficiado pelo então Juiz de Direi-

to Dr. José Saboya de Albuquerque, de saudosa memória e ao pé do altar de Nossa Senhora do Rosário, na Capela do mesmo nome, recebemos as bençãos da Igreja, por mãos do Pe. Dr. José Tupynambá da Frota, recém-chegado de Roma e que nos fez expressiva saudação, relembrando ao querido Noivo a promessa que lhe havia feito quando eram colegas na renomada escola do Prof. Arruda, de se ordenar e vir ainda casá-lo. Depois, na casa festiva, a alegria contagiante dos numerosos convidados, o banquete nupcial nesta mesma toalha em que agora tomamos o nosso café e onde ergueu o brinde de honra o então Promotor da Comarca e meu ex-professor - Dr. Alexis Barbosa Morin. Depois, a plenitude da felicidade. Estava construído o nosso lar...

O Casal teve prole numerosa, assim constituída: Maria do Carmo Mont'Alverne Frota (falecida), casada com José Mendes Frota; José Maria Mont'Alverne (falecido), casado com Pudenciana Sabóia Mont'Alverne; Maria Elisa Mont'Alverne Lopes, casada com Carlos Augusto de Oliveira Lopes (falecido); Maria Aracy Mon'Alverne Adeodato, casada com Fernando Adeodato (falecido); Antônio Guarany Mont'Alverne (falecido), casado com Maria Nadyr Mont'Alverne; Maria Alpha Mont'Alverne Rangel, casada com José Edson Rangel (falecido); Maurício Mont'Alverne (falecido); Ruth Mont'Alverne; Maria da Conceição Mont'Alverne Lopes, casada com Antônio Albuquerque Lopes (falecido); Sarah Maria Mont'Alverne; Walderez Mont'Alverne Andrade, casada com Antônio Walter Andrade; Thaís Teresinha Mont'Alverne Parente, casada com José Gerardo da Frota Parente; Leda Mont'Alverne Frota, casada com José Aguiar Frota; José Lourenço Mont'Alverne, casado com Maria Alice Ferreira Gomes Mont'Alverne e Maria da Soledade Mont'Alverne Silva, casada com Benedito Silva.

O nome honrado de MARIA MARPHISA está repetido em 3 gerações: Soror Ana Maria Marphisa Mont'Alverne, décima filha, religiosa da Congregação das Filhas de Santa Ana; Maria Marphisa Mont'Alverne Rangel, neta; Maria Marphisa Mont'Alverne Frota, neta e Maria Marphisa Barbosa Mont'Alverne, bisneta.

Fato genealógico curioso nas famílias Araújo Mont'Alverne ocorre com Paulo Vitor Mont'Alverne de Azevedo que tem repetido, em sua ascendência, pelo costado materno e paterno, alternadamente, os nomes de MARIA MARPHISA e MARIA DO CARMO. É ouvir para conferir: mãe, Maria Marphisa Mont'Alverne Frota de Azevedo; avó

paterna, Maria do Carmo Fontenele de Azevedo; bisavó materna, MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE e trisavó materna e paterna, Maria do Carmo de Araújo. Minha mãe, Mimosa, Maria do Carmo Mont'Alverne Frota, é a primogênita de MARIA MARPHISA. Na mensagem Bodas da Saudade, a que já me referi, assim a mãe descreve a infância e a mocidade da filha:

> MIMOSA - realmente um mimo de criança clarinha e forte, primeiro enlevo filial dos nossos olhos e não menos dos meus velhos Pais em cuja casa distribuiu sua radiosa infância e mocidade.
>
> ....
>
> Esta também não fazia parte da turma ruidosa do esconde-esconde, chefiada pelo Dono da casa, de temperamento alegre; - mocinha, sempre compenetrada no senso artístico da música, desenho, letras e na distinção de maneiras, que a caracterizavam; tornou-se bem cedo a companhia do Pai em todas as reuniões festivas, merecendo deste especial escolha no bom gosto das suas toilettes, conforme uma que ainda guardo, confeccionada em Fortaleza, especialmente para o casamento da Maria Elisa Adeodato, sua amiga de infância.

Foi pelo amor da filha pelo pai que já exaltei a memória de meu Avô. Foi pelo amor da mãe pela filha que nesta noite exalto tua vida, Vovó MARPHISA, com mandato irrenunciável ditado ao meu coração pela Mimosa, minha mãe e tua filha amada.

Caminhemos na busca do tempo perdido para redescobri-lo pelo milagre da memória.

A família crescia. Os primeiros nove anos foram passados no Ipu. Foi um céu aberto para Vovó MARPHISA: era o reencontro com os pais, irmãos e os amigos de infância. E para alargar a felicidade o casal foi residir na rua da Goela, na casa em que a nova ocupante havia nascido.

Papai Toinho e o Major José Lourenço se entendiam bem. O genro logo se integraria nos negócios comerciais do sogro.

José Lourenço de Araújo era homem empreendedor, participou da composição societária da firma A. Soares & Cia., depois foi o fundador de J. Lourenço & Cia., cujos negócios se expandiam pelo Norte e pelo Exterior, em avançadas negociações diretas, ousadas

para a época. Na política seguia a liderança de Paula Rodrigues e de Moreira da Rocha. Era conhecido por todos e respeitado pelo elevado padrão moral, pela honradez da vida privada, pela lisura dos negócios e pelo equilíbrio político. Foi deputado provincial. Como chefe de família, cuidava com esmero da educação dos filhos e do seu bem estar. Exerceu influência na comunidade ipuense mercê da sua arguta visão de homem progressista. Nasceu em Santa Ana do Acaraú, em 7 de dezembro de 1867. Casou-se no Ipu a 7 de maio de 1890 com a santanense Maria do Carmo de Araújo. Faleceu no Ipu a 16 de setembro de 1920. Está sepultado no Ipu ao lado de sua mulher no mausoléu erigido pela devoção dos filhos.

Em 1915 Papai Toinho retorna com a família definitivamente para Sobral, retirando-se da direção da Casa Mimosa, sendo substituído na composição do capital social dessa firma por Osvaldo Araújo e Pedro Dias. Osório Martins, marido de Tia Cecy, seria o novo caixeiro.

O tempo desfiava e os anos passavem. O prestígio do casal se ampliava. Papai Toinho expandia suas atividades mercantis com o cunhado Eurípedes Ferreira Gomes. Vovó MARPHISA se afervorava na fé, integrando-se em várias associações cristãs, sempre ao lado de Mariquinha, nossa inesquecível Nininha.

A vida do casal era facilitada em tudo por Alexandre e Mariquinha. Uma criadagem competente transitou pela rua do Marinho, praça do Menino Deus e por este Mosteiro: Teresinha Grande, Rosa Brandão, Belarmina, Maria de Holanda, Maria Pistola e Maria Chicó. Na ala masculina: João Tronquinho, João Martins, José Ferreira, Raimundo Dentinho, João Marques, Seu Chicó, Seu Lopes, Zeferino e José Lopes.

Mas o forte do Cel. Alexandre Soares era o manejo com o grupo de capatazes e procuradores, senhor que era de largos latifúndios que se estendiam Crateús adiante: Cyro Octavio responsável pela Pintada e Sucesso; Manduca Madeira, com seus filhos Manoel e José Madeira, responsável pela Tapera; José Crispim Carneiro, responsável pelo Jatobá; João Santana, responsável pelo Açude e Cícero responsável pela Passagem. Antônio Gomes foi o último no Sucesso.

Em 1907 Vovó MARPHISA e Papai Toinho visitaram o Grão-Pará sem esquecer as compras na Paris, na América e na Chapelaria Cruz. O casal visitou também a Igreja de Santo Alexandre, o que regalou a alma de Nininha. Mais adiante, em 1910, atraídos pelo eco da renovação urbanística do Rio de Janeiro, promovido por Pereira Passos, no período Rodrigues Alves, o casal, acompanhado de Alexandre, Mariquinha, Tio Osvaldo e Luizinha, por lá ficou uns 5 meses. No Lírico, Vovó MARPHISA conheceu a Régiane, atriz france-

sa famosa, grande amiga de Marcel Proust. No consultório do Prof. Miguel Couto MARPHISA obtém a certeza de que está grávida, de cujo parto nasceu Maria Aracy. Vovó MARPHISA, em 1925, projetava ir à Europa com Papai Toinho, em companhia de Dom José Tupynambá da Frota e do Padre Agesilau Aguiar. O sonho da viagem acabou, pela anunciada gravidez de que nasceria José Lourenço, o último varão que teria e o único vivo nesta data. No Recife, em 1939, ela assiste ao Congresso Eucarístico.

Alexandre e Mariquinha ficaram realizados: filha e genro estavam instalados neste solar da rua Dr. João do Monte, que para eles construíram em 1918. Em 1923 os velhos pais se mudaram da rua do Marinho para a praça do Menino Deus. As cruzes do luto, do desaparecimento de entes queridos não faltavam: em 1906, desaparecia Dona Maria Elisa Mont'Alverne, a sogra de minha avó materna; em 1907, falecia no Ipu, Mãe Mimosa; em Sobral, em 1910, morria o sogro, o Coronel Mont'Alverne; em 1920, no Ipu, de hérnia estrangulada, como se dizia, foi-se o Major José Lourenço.

Mas, em 1926, chegou a tormenta, abalando a cumeeira do lar, com o trágico desaparecimento do Papai Toinho, vitimado por acidente automobilístico, no Rio, quando, com minha mãe, acompanhava Alexandre Soares, que iria se submeter a uma intervenção cirúrgica. Antônio Mont'Alverne Filho faleceu em 1926, aos 44 anos. Na sua mensagem Bodas da Saudade, escrita a 10 de novembro de 1956, MARIA MARPHISA reconta para os filhos o sofrimento:

> Na manhã de 6 de novembro de 1926, desencadeou-se tremenda tempestade à minha barca de águas remançosas, atirando-a com o leme partido e desgovernada aos vagalhões de alto mar!... – Desaparecera o Comandante insubstituível e em meu redor chorava uma tripulação de 13 Órfãos!...

Com o coração alanceado minha Avó MARPHISA resignou-se aos desígnios do Senhor. Que grandeza tinha ela! Só a confiança no Senhor a sustentou. É do justo Jó que lembro, quando recordo a mutilação do coração de MARPHISA com a perda do marido.

> *Dominus dedit, Dominus abstulit, sicut Domino placuit, ita factum est, sit nomen Domini benedictum.(Jo 1, 21b.)*

Fecha-se o círculo de dor ao redor de MARIA MARPHISA: Alexandre Soares, desolado pela morte do genro, não resiste e morre vitimado por angina, a 17 de maio de 1927. MARPHISA e Mariquinha

estão viúvas, ambas se apoiando na fé da ressurreição do Senhor. Nesse transe é a filha que se torna o forte amparo da mãe, embora também estivesse com o coração lacerado pela morte do marido.

Esta opressão de dor difusa em que vivia MARIA MARPHISA só se aplaca quando ela traz do Rio de Janeiro, pelas mãos do filho Guarany Mont'Alverne e do irmão Osvaldo Araújo, os despojos do Papai Toinho, cuja exumação se realizou a 10 de novembro de 1931, data em que celebraria as Bodas de Prata.

A mocidade feliz, a vida matrimonial e a abrupta viuvez preparam e fortificam a personalidade de MARIA MARPHISA para o exercício de seu fecundo matriarcado, em que ergueu, como integrante consciente do povo messiânico de Deus, em seu lar, uma Igreja doméstica.

4 – Matriarcado: Igreja doméstica

> É necessário que nesta, que bem pode chamar-se Igreja doméstica, os pais sejam para os filhos, através da palavra e do exemplo, os primeiros arautos da fé, e fomentem a vocação própria de cada um, com especial cuidado a vocação sagrada. (Lumen Gentium - Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II.)

A educação dos filhos é tarefa de que se não descuida a mãe, preocupada em prepará-los para os embates da vida, que seria afanosa sem a presença do pai e do avô. Não havia o que pensar: iria matricular, meninas e meninos, no modelar estabelecimento de ensino de Dona Mocinha Rodrigues.

O Externato Nossa Senhora D'Assunção foi fundado em Sobral, a 2 de fevereiro de 1908, pelas irmãs Maria Jesuína Albuquerque Rodrigues, Regina e Irene, filhas do Coronel José Gomes Rodrigues de Albuquerque e Ana Frederica Rodrigues de Albuquerque. Em 1912, Irene toma o hábito de Irmã de Caridade; em 1913, Regina segue o caminho da irmã. Para sucedê-la, chega a caçula, Ana Frederica, que se faz acompanhar de Francisca das Chagas de Lima.

O corpo magisterial era composto, ao longo dos anos, por professores da terra, quase sempre do clero ilustre, e da Capital: Padre José de Lima, Padre Antônio Maria de Lyra, Padre Leopoldo Fernandes, José Clodoveu de Arruda Coelho. Por empenho da operosidade de Dom José Tupynambá da Frota o Externato foi transformado, a 2 de fevereiro de 1919, em Colégio Nossa Senhora D'Assunção, cedendo a Diocese um imóvel, situado na praça do Me-

nino Deus, para acomodar o internato e externato. Registro ainda a nominata de lentes ilustres: Dr. Francisco Ponte, Julieta Magno de Oliveira, Mosinha Menezes, que depois ingressaria na Congressão das Filhas de Santa Ana, Maroquinhas Vergniaud, Edith Sabóia, Aristóbulo de Castro, Pimentel Gomes e Nair Ibiapina.

Guardo comigo alguns exemplares do jornal Quinze de Agosto. É interessante noticiar a entrega de diplomas das cursistas do Colégio D'Assunção, em alguns anos: 1925 - Mimosa Mont'Alverne, Dolores Dias, Eglantine Ponte e Lygia F. Gomes; 1926 - Maria Elisa Monte'Alverne, Yolanda Parente, Suzana Albuquerque Rodrigues, Maria Frota Parente, Raimundinha Frota Parente, Zilda Aguiar e Dalva Coelho de Sousa; 1927 - Aracy Monte'Alverne, Maria Laura Ponte, Raimundinha Lopes e Maria Cândida Mont'Alverne, e, em 1929, Juracy Ponte e Jurandy Vergniaud.

Na edição do jornal Quinze de Agosto, de 1930, constatei um registro interessante: um artigo com o título - O Divino Semeador, de autoria da jovem jornalista Alpha. A educação da prole de MARIA MARPHISA se completaria em anos posteriores, com o estágio das filhas no Colégio Santa Ana, no prédio onde residiu o Coronel Mont'Alverne, e no ingresso dos rapazes na Faculdade de Direito do Ceará, Faculdade Nacional de Medicina e Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto.

Os filhos cresciam. As moças se aplicavam no estudo, no piano, no bordado e na pintura. A matriarca MARIA MARPHISA estabeleceu obrigações semanais de cargos, que se revesavam, para mordoma e secretária. Era perfeito o funcionamento deste casarão: as filhas não resistiam ao cumprimento dos encargos, mas se o fizessem, a mãe determinava com voz branda o cumprimento da tarefa imposta e logo se reatava o fluxo da ordem caseira, com a supervisão de Mariquinha Pompilho. Eis o Regulamento Interno para 1941, editado por MARPHISA MONT'ALVERNE:

> Cargos que se revezam semanalmente: mordoma e secretária.
>
> Compete à primeira função:
>
> 1 - Guardar consigo "inviolavelmente" a chave da dispensa, recebendo e entregando o que nela precisar entrar ou sair.
>
> 2 - Encarregar-se das compras diárias fazendo com o empregado a respectiva conferência.
>
> 3 - Interessar-se na cozinha, fiscalizar a

mesa, melhorar o "menu" à hora das refeições

4 - Ficar em casa na manhã do Domingo e preparar a sobremesa do almoço.

5 - Distribuir a merenda e a ceia.Compete à secretária:1 - Atender a qualquer pessoas ou recado que chegar à porta.2 - De 3 às 4 1/2 da tarde, escrever ou fazer o que no expediente for mais oportuno.3 - Fiscalizar o serviço da copeira, na ordem e asseio geral da casa.4 - Entregar e receber por rol a roupa de lavagem às 2ªs e 5ªs feiras.

CUMPRA-SE.

Além do Regulamento Interno, Vovó MARPHISA atribuiu encargos para as filhas "ministras":

Obriçações particulares de cada uma das 7 "ministras":

1ª- RUTH: Auxiliar no serviço da Mamãe, medicação, etc. Aos Domingos: proceder à sua "toilette" para recepção da sala de jantar.

2ª- MYRIAM: Cuidar da roupa engomada. Aos Domingos: arrumar os quartos novos e o do cofre. Costura.

3ª- SARA: Bordado. Aos Domingos: arrumar as duas alcovas laterais do beco.

4ª- WALDEREZ: Costura e cuidar do santuário da Mamãe. Aos Domingos: arrumar a sala de visitas, gabinete e entrada.

5ª- TERESINHA: Interessar-se pelo jardim e renovar as flores do retrato de seu Pai, na sala de jantar. Aos Domingos: arrumar a sala de jantar e o salão.

6ª- LEDA: Limpar aos Sábados os espelhos e as vidraças e arrumar aos Domingos as duas alcovas laterais do jardim (da Mamãe e J. Lourenço).

7ª- ALVERNINHA: Mudar as plantinhas de ornamentação e aos Domingos arrumar da copa ao banheiro, inclusive o guarda-comida. Lavar também a pia.

José Maria é promotor público em Sobral; Guarany, na Santa Casa de Misericórdia, vai firmando o nome, como cirurgião, e José Lourenço, bem mais moço que os dois, estuda no Ginásio Sobralense. Este, precedido por 7 irmãs, foi chamado de "el varoncito" pela Mãe.

Chegam os anos em que a família de MARIA MARPHISA vai se multiplicando pelos casamentos dos filhos, se enramando com outras famílias de Sobral. Doze casamentos a partir de 1933: Aracy, José Maria, Maria Elisa, Alpha, Mimosa, Guarany, Myrian, Walderez, Terezinha, Alverninha, Leda e José Lourenço ficam ligados com os Adeodatos, Sabóias, Lopes, Rangéis, Frotas, Ferreira Gomes, Andrades, Parentes e os Silvas. Às vezes repete-se a vinculação com as velhas famílias, como ocorreu com os Frotas, pelos casamentos de Mimosa, Teresinha e Leda; com os Lopes, pelos casamentos de Maria Elisa e Myrian, e com os Ferreira Gomes, pelos casamentos de Guarany e José Lourenço.

Nininha chega à ancianidade, sempre rezando com a filha. Não dispensava o Escudo Admirável, editado pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores estabelecidos na rua das Carmelitas, em Lisboa. Mariquinha e MARPHISA desfiavam as camáldulas do Rosário, fazendo alternativamente a contemplação sobre os Mistérios Gozosos, Dolorosos e Gloriosos.

Já sem a existência de Nininha, recordo Vovó MARPHISA rezando o Ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria, Coroa das Dores, Mês do Coração de Jesus, Novena de Nossa Senhora do Carmo, de São Sebastião e de São Brás. O Psalmo XC era o salvo-conduto das viagens.

Como testemunha presencial do matriarcado de Vovó MARPHISA, ouvi-a diversas vezes rezando contrita a São José. Fez doação à Igreja de São Francisco de expressiva imagem do Patriarca, adquirida na Casa Sucena, por intermédio de José Lourenço.

Quando estou neste Mosteiro, de férias, e me recolho na paz de seu quarto, brota da minha memória sua visão, rezando, ao lado das filhas, da criadagem dócil e de circunstanciais visitas que surgiam naquela hora nesta casa. Ouço a voz de MARPHISA:

Deus vos salve,
Virgem Senhora do mundo,
rainha dos céus,
e das virgens, Virgem.

....

Deus vos salve, trono
do grão Salomão,
arca do concerto,
velo de Gadeão!

Íris do céu clara,
sarça da visão,
favo de Sansão,
florescente vara,

....

Ó mulher tão forte!
Ó invicta Judite!
Que vós alentastes
o sumo Davi!

Do Egito o curador
de Raquel nasceu
do mundo o Salvador,
Maria no-lo deu.

....

O gosto pela leitura em MARPHISA era visível. Pela manhã e à tarde regalava-se com os livros de sua preferência. No Sítio Novo do Jatobá gostava de ler na sua rede armada em dois cedros. Diante do açude, sob o canto dos passáros, Vovó ficava em estado de graça. Em 1943 morre nesta casa Maria Delmira Soares - Mariquinha - a nossa inesquecível Nininha. Vem de Leonardo Mota a solidariedade fraterna, que fazia em nome de Tia Luizinha e filhos, no texto de uma carta modelar:

Joaquim Távora, 1506 - Fortaleza, 17 de março de 1943.

Marfisa

Logo que nos veio ao conhecimento a triste notícia do falecimento da Nininha, mandei a Você um telegrama condolencial, em meu nome e nos de Luizinha e nossos filhos. Agora, estou chegando da Santa Missa que, em sufrágio da alma boníssima da querida morta, foi celebrada na Igreja do Coração de Jesus, e quero ampliar os termos lacônicos daquele breve recado telegráfico.

Disse-lhe que compartilhávamos seu imenso pesar. Sim, e é mui sincera a nossa coparticipação na dor moral que a está acabrunhando.

Luizinha sempre porfiou em falar, com especial ternura, do muito que Nininha representava em nossa família. Dona Mimosa teve nela uma irmã exemplarmente amiga. E você... Você se orfanou daquela que neste mundo lhe mereceu o doce nome de "Mamãe".

Chego a imaginar que a Nininha pediu e obteve de Nosso Senhor a graça de permanecer mais tempo aqui na terra, para se tornar, ó! Marphisa, o consolo de sua inopinada viuvez. Foram sendo chamados por Deus: - Dona Mimosa, José Lourenço, Toinho, Cel. Soares... Ela sofreu, com Você, todos os golpes que tais mortes importavam, e, a cada um dos mesmos, era ela a maior confidente das lágrimas e angústias da prezada irmã. A ancianidade curvou-a e como que lhe diminuiu o tamanho físico: a dor engrandeceu-a e sublimou-a à condição de merecer a eterna bem-aventurança. Veja como ela teve a morte que pedia: - a Divina Bondade não foi insensível às rogativas daquela alma que nos deixou tão abençoadas recordações do seu trânsito terreno.

Estas pobres letras não pretendem suavizar a sua mágoa, mas apenas reiterar-lhe a certeza de que a Nininha também pertence ao culto dos nossos corações. Considere subscrita, também, por todos os meus, esta nova mensagem de nossa afetuosa solidariedade em sua grande tristeza.

Fraternalmente:

Leonardo.

Com o decorrer do tempo os traços fisionômicos de jovem senhora em MARIA MARPHISA, que identifico com os do retrato que está no gabinete, vão se transformando em rosto ovalado, com olhos levemente amendoados, correspondente à época da plenitude do testemunho de sua maternidade, tal como surgem no retrato exposto na sala de visita. O retrato da velhice flagra a

serenidade do matriarcado, dando a impressão de que, sentada em sua cadeira, vai falar aos filhos. Esse retrato está ao lado da rede de tucum, nesta sala.

A casa é alegre, com rapazes e moças e, no decorrer do tempo, com o acréscimo de sobrinhaos, em rápidas passagens ou temporadas mais prolongadas. Enumero os nomes de Maria José Martins Florêncio, Ditinha; Cândida Araújo Corrêa e sua irmã Maria Mirtes Araújo Corrêa; Maria do Carmo Fontenele de Azevedo, Lelé e sua irmã Maria Inocêncio Fontenele Dias, Sinhazinha e, ainda, Yolanda, filha de Tia Marieta Mont'Alverne.

As temporadas na Serra da Meruoca eram saudosas. As do Jatobá, ficaram inesquecíveis pelo atrativo despertado pelo banho no açude, leite bebido no curral, cortiços de abelhas, violas de cantadores, exploração ao local misterioso da Cozinha da Rainha, passeio na baixa, espera ao meio-dia da chegada do Correio da Semana, trazido de Sobral pelo Seu Chicó no lombo de seu lerdo jumento e brincadeiras no carro de boi, sob a copa dos tamarindos.

Vovó MARPHISA acompanhava os partos das filhas, visitava-as e tinha solicitude especial com tudo que dizia respeito à prole, genros, noras e netos. Sua maternidade alcançava a segunda geração. Lembro de Vovó MARPHISA embalando o berço de Ticiano Mont'Alverne Frota, o caçula da casa de meu pai, repetindo, como canção de ninar, a quadra com que embalara minha Mãe e os outros filhos:

Nossa Senhora faz meia
Com linha branca de luz:
O novelo é a Lua-Cheia,
As meias são pra Jesus.

(Só - Antônio Nobre.)

A prática religiosa foi indispensável na vida de MARPHISA: participava de retiros fechados no Patronato das Irmãs de Caridade, cujo prédio foi doado pelo meu antepassado paterno Fernando Mendes. Madrugava nas igrejas; em casa, dizia que era irresistível o apelo dos pais, identificado no som dos sinos das Igrejas do Menino Deus e de São Francisco, de que foram doadores Alexandre Soares e Mariquinha.

Participava dos atos da Semana Santa na Catedral, na tribuna que era reservada à Tia Abigail, sem se dispensar de, no Setenário da Igreja das Dores, cantar o "Pranto". Com Guarany dos Passos assistia de uma das janelas do Colégio Santa Ana. Vovó MARPHISA tinha predileção pelo mês de Maio. No Jatobá, na aprazível casa da

Villa Soares, com hinos característicos, louvava a Maria na Capela improvisada com as flores do campo.

O Natal era comemorado nesta casa com o ritual do tempo, que ia desde a armação da Lapinha, às mensagens autógrafas dirigidas aos filhos e aos amigos do círculo de sua afetividade, o terço com a família e a ceia servida neste mesão, com esta mesma toalha usada no banquete de seu casamento.

Em 1955 e 1956 MARIA MARPHISA por duas vezes se enluta no espaço de 10 meses, com a morte de José Maria Mont'Alverne e Maria do Carmo Mont'Alverne Frota, com 47 e 49 anos, respectivamente. Minha Mãe partiu a 16 de setembro, data em que também faleceu o Major José Lourenço de Araújo, seu avô materno.

José Maria era diligente, alegre, com ativa participação no meio social e industrial de Sobral. Cumpriu com a palavra empenhada à MARPHISA: foi integral no apoio à mãe e na dedicação às irmãs. Tinha consciência de que representava o pai.

A velhice vem chegando em vovó MARPHISA mas a encontra lépida, com saúde integral, gostando de fazer visitas, de amanhecer nas igrejas, de participar das reuniões da Associação das Mães Cristãs, da Ordem Terceira de São Francisco, do Mês do Sagrado Coração de Jesus, na Catedral, e de se confessar na Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, com o Cônego José Osmar Carneiro. No Cemitério São José visitava os túmulos do Cel. Mont'Alverne, o do judeu alsaciano Samuel Weil, que lhe dera uma boneca quando era criança, e o do Papai Toinho.

As pessoas de cerimônia eram recebidas na sala de visita ou no gabinete, no conforto das mobílias austríacas, vermelha e preta, com o requinte dos consolos de pau preto, sobre os quais descansavam lanterna de cristal e jarro de opalina. Circundando esses espaços se enfileiravam os grandes retratos do casal MARPHISA - TOINHO, dos pais e dos sogros. Os espelhos venezianos, as gravuras francesas, o piano alemão, a estante com a amostra da descendência, o bandolim, os retratos das filhas e filhos de beca e capelo, os dos casamentos de alguns deles, as bênçãos de Pio XI e Pio XII, os lustres e o belo quadro do Cristo, procedente de Santa Maria de Belém do Grão Pará, se dividiam como adorno entre o gabinete e a sala de visita. Neles estiveram por várias vezes Dom José Tupynambá, Mons. Fortunato Alves Linhares, Dom Expedito Lopes, Mons. Aloísio Pinto, Deputado Padre José Linhares Ponte, Dona Adalgisa Frota Parente, Dona Sinhá Sabóia, Dr. Edmundo Monte e Dona Mundoca. Bem menino, ficava eu escutando as conversas para agora repetir, recordando a amada memória da Senhora do Mosteiro.

Na sala de jantar, do comando de sua rede, Vovó MARPHISA

mantinha ao seu redor concorrida roda de conversa dominical com a presença dos filhos, genros, noras e netos que, irrequietos, corriam pelo jardim, quintal ou tentando ultrapassar no pulo os batentes da escadaria de madeira à entrada desta Casa. Nos domingos a conversação se iniciava com a visita de Dona Alice Rodrigues, logo pedindo café quente, muito quente. Às vezes chegavam para uma conversa amena Dona Emiliana Viriato de Sabóia Mendes, sua irmã Dona Laura Viriato de Sabóia Ponte. As visitas eram para todos os gostos: Maria Álcida Thomé da Frota, Olímpia e Anália e os tios Horário, Clóvis e Suzete. E mais: Carminha do Menino Jesus, Maria José Lyra, Waldemar Teixeira, Úrsula Rodrigues Carneiro e, vez que outra, Dona Regina Soares, vinda de Santa Cruz, e Gutenberg Teles, de Santa Ana do Acaraú. Uma vez irrompeu casa adentro o Coronel João Baptista de Araújo Vasconcelos, irmão do Major José Lourenço de Araújo. Atropelando o fluxo das visitas, insistia pela vacância de sua cadeira predileta Ana Gerviz de Araújo que exercitando sua variada goma de cacoetes procurava conseguir o desiderato, logo ajudada pela generosidade de Vovó MARPHISA, compreensiva com a prima, filha de Tia Constança.

O matriarcado de MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE era visto na cidade como exemplar e seu nome, a cada ano, crescia na estima dos sobralenses, que a tinham como encarnação da dignidade da mulher, conduzindo com austeridade com elevado senso de equilíbrio a família numerosa.

Já em plena velhice, Vovó MARPHISA mantinha rigorosa pontualidade com a sua correspondência, cujo raio alcançava o Al Right, Mílton de Sousa Carvalho, Pe. Assis Memória, Hugo Carneiro, Mílton Dias e os irmãos. Quando a visão lhe foi faltando, Ruth, seu anjo da guarda, sua sombra, escrevia seus cartões que ela ditava às vezes em versos para os filhos e netos. Tenho uma boa centena desses cartões. O corpus epistolar de seu matriarcado está a merecer análise, pois pode ser incrustado como parte relevante do SALÃO MARPHISA MONT'ALVERNE.

Destaco uma das afeições mais cara de MARIA MARPHISA: tinha regalo em receber nesta casa e conversar com o sobrinho Pe. José Lourenço de Araújo. Os assuntos eram elevados: Florença, Assis, Gioto, a Via Ardeatina, Il Regio de Maio, o Pio Brasileiro, o Vaticano... Foi por empenho de Padre José Lourenço que MARPHISA recebeu um cartão Della Civiltá Cattolica - Via Ripeta, 46, datado de 18.12.1950, em italiano, no qual o P. Domenico Mondrone S. I. diz que o Santo Padre havia abençoado com todo o coração a Senhora MARPHISA, sua família, enviando a ela e filhinha dois terços. Essa filhinha a que se refere o cartão é minha mãe.

A amizade entre MARPHISA e os irmãos era inalterável na per-

manente afeição que os unia. Nesta casa várias vezes estiveram Domingos Mourão e Rosinha, acompanhados de um batalhão de meninos, sob o olhar vigilante de Sinharinha. Aos 70 anos Vovó MARPHISA retornou a Pedro II para revisitar os irmãos do Piauí. A primeira visita foi em 1927.

Certa vez surpreendi Vovó MARPHISA, ladeada por Tio Osvaldo e Chico Araújo, caminhando em direção à porta da rua cantando os três ao Mártir Santo. O trio parou à altura da escada para contemplar as telas do Leo Martin e recordar, no remate de dobrada risada, o alegado parentesco do pintor com Luiz Martin e recordar, no remate de dobrada risada, o alegado parentesco do pintor com Luiz Martin, pai de Santa Terezinha de Lisieux. O dito de Leo Martin - Paris ou Matriz - neles, que viviam ligados às coisas do Ipu, era de fácil comprovação, pois mal iniciavam uma conversa, logo chegavam ao Pé de Serra, Quadro, recontando as prosas da Titia, Bizé, Gracinha, Cajão et aliorum.

Oh! milagre da palavra que nos traz o passado, que rasga o véu do arcano do tempo eterno.

5 – A Partida para o Reino

A cruz pode ser pesada de carregar,
mas só ela equilibra o nosso andar.

(Pensées Détachées – Joaquim Nabuco.)

O ensinamento atual dos Padres Conciliares e Padres Sinodais é que a família é escola de virtudes sociais; a família cristã é a Igreja em miniatura, Igreja doméstica.

A missão amorosa do matriarcado de MARPHISA MONT'ALVERNE foi consubstanciada na construção de uma família cristã, dentro dos princípios da comunhão, da participação e da fraternidade entre os membros, inculcando os deveres religiosos e a amizade "a fim de que nunca se quebre um elo desta corrente fundida no sangue irmão", como nos disse em seu inesquecível magistério, contido na mensagem lida em 10.11.1956, a que denominou Bodas da Saudade.

Chegava o término de sua peregrinação...

A velhice de MARIA MARPHISA se acentuava com os sinais de artitre reumatóide, que não mais a deixaria, incomodando-a com dores difusas nas articulações, tornando-se na fase final seu rosto largo e cheio pelo uso de corticoides.

O raio da mobilidade de seus passos ficou circunscrito ao terri-

tório deste Mosteiro, transformado em cidadela afetiva onde os filhos, diariamente, vinham visitar a mãe. Depois, quase não mais saía do quarto. Nesse período os padres capuchos da Igreja de São Francisco, sobretudo Timóteo e Virgílio, vinham trazer a Eucaristia, sempre.

Guarany, como dissera Vovó MARPHISA, externando sua gratidão, se ergueu em coluna protetora de sua velhice, com a assistência de seu tirocínio, atento às novidades formacológicas para propiciar a redução das dores que atormentavam a velhice da mãe. Era ele a figura primacial da medicina sobralense; seu nome e a fama de sua arte cirúrgica ganhavam os meios médicos da Capital, com trânsito e com aura de mestre, disso se valendo como meio eficaz para formular consultas entre colegas, sempre pensando na busca da melhora da saúde da mãe. Foi o Cirineu de MARIA MARPHISA.

A visão de MARPHISA reduziu-se-lhe, recobrando-a depois de uma intervenção cirúrgica de resultado positivo, realizada em Fortaleza, com o acompanhamento da família, que a cercou na casa de Tia Aracy e Fernando em um halo de cuidado redobrado.

No transcurso dos seus 80 anos, MARIA MARPHISA assiste à Missa celebrada na sala de visitas, deste Mosteiro, ladeada por Guarany e José Lourenço e de toda sua descendência, que se comprimia nas áreas adjacentes. Ela estava com um vestido preto, de seda, adquirido por Guarany na Paris na América, no Grão-Pará, e trazia no coração a "barrette" com o retrato do Papai Toinho. Nas mãos o terço de raspa de ametista que José Maria trouxe de Buenos Aires. Já na sala, à hora do café solene, leu expressiva mensagem, não concluindo a leitura, fazendo-a eu, a seu pedido.

MARPHISA perdia a força. A doença, as dores intermitentes do reumatismo traziam-lhe desânimo, mas ela não se revoltava, ao contrário, rezava cada vez mais. Resignada, construía sua morada no Reino.

Em 1973 a cidade se comovia com a agonia de MARPHISA MONT'ALVERNE, filha adotiva de Sobral, relevante expressão da comunidade, pois logo a ela se integrara com a grandeza de seus gestos cativantes.

As portas desta casa não se fecharam em permanente vigília àquela vida preciosa que se ia consumindo. A hora terminal se aproximava. Na madrugada de 4 de maio de 1973 o Senhor veio buscar MARIA MARPHISA para o seu Reino:

Melior est dies mortis die nativitatis(Ecl, 7, 2 b.)

O atestado de óbito foi firmado por Guarany. O genro José

Gerardo da Frota Parente foi o declarante do registro do óbito perante o Oficial do Registro Civil da Comarca de Sobral, conforme consta no livro C-57, às fls. 56v, sob o nº 24.056, de 04.05.1973.

As associações religiosas, o clero, a Casa da Câmara, os amigos todos demonstravam o condoimento de Sobral pelo desaparecimento de MARIA MARPHISA.

Quando o corpo de Vovó MARPHISA saiu da sala de visita, no meio do pranto da família e com o louvor geral dos que a conheciam, lembrei-me da voz de São João, como instância profética naquele momento de amargura:

Audivi vocem de Coelho dicentem mihi:
Scribe;beati mortui, que in Domino moriuntur.

(Apoc 14, 13.)

Eis o tempo redescoberto, pelo patrimônio das reminiscências deste radioso dia do Primeiro Centenário de Nascimento de MARIA MARPHISA MONT'ALVERNE.

Chegam-me ao lume da memória meus tempos de infância e me vejo menino, na companhia de Vovó MARPHISA, segurando sua mão, andando com ela pelas ruas, conhecendo o nome das igrejas pelas torres, pelo som de cada sino, aprendendo suas lições, cumprimentando figuras, vendo o bulício das praças e tudo aquilo que faz sedutor o rosto desta cidade ensolarada. Ainda agora, perto dos meus 50 anos, me vejo, Vovó MARPHISA, segurando tua mão nas ruas das minhas saudades, nos caminhos do meu coração, porfiando em seguir teus passos. E é assim que se sente tua descendência, sempre pressurosa em seguir os exemplos de teu cristianismo.